

Perto do fim, longe DE UM ACORDO

COP29 encerra oficialmente amanhã, mas os trabalhos deverão avançar pela madrugada de sábado. As negociações estão travadas no assunto mais importante da edição: o fundo de financiamento para adaptação às mudanças climáticas

» PALOMA OLIVETO

Próxima ao fim, a Conferência das Partes sobre Mudanças Climáticas em Baku (COP29) ainda não resolveu a principal pauta do evento: o novo mecanismo de financiamento para medidas de mitigação e adaptação. Oficialmente, o encontro, que reúne 197 países mais a União Europeia na capital do Azerbaijão, termina amanhã, mas, como em edições anteriores, é quase certo que as negociações avancem pela madrugada de sábado.

Tema principal da COP, o novo mecanismo de financiamento deve ser adotado em 2025, segundo o Acordo de Paris. Os recursos destinam-se a ajudar os países signatários a mitigar os efeitos das mudanças climáticas, como destruições e perdas econômicas provocadas por enchentes e secas, além de adaptar-se a um mundo cada vez mais quente. Até agora, porém, as nações desenvolvidas, que devem desembolsar a maior parte do dinheiro, não disseram como levantarão US\$ 1 trilhão (R\$ 5,7 trilhões) por ano até 2030.

O valor foi calculado por economistas consultados pela Organização das Nações Unidas (ONU) e deve cobrir especialmente os investimentos com transição energética. Os combustíveis fósseis — petróleo, carvão e gás natural — são os principais emissores de gases de efeito estufa e há urgência na implementação de tecnologias que os substituam, segundo cientistas. Nas mesas de negociação, porém, não há consenso sobre o montante, nem a respeito de quem pagará, obrigatoriamente, a conta.

Klara Worth/Divulgação



Na sala de negociações de financiamento, ainda não há consenso sobre o valor do mecanismo nem de quem deve contribuir

Brincadeira

Citada pela agência France Presse (AFP), a ministra colombiana do Meio Ambiente, Susana Muhammad, admitiu preocupação com o ritmo das negociações. “Ninguém coloca um número sobre a mesa. Então é como se estivessem brincando de geopolítica, quem coloca o número primeiro? Se você não coloca, eu não coloco”, disse.

No início do mês, Muhammad viu a COP16, da Biodiversidade, naufragar em Cali, na Colômbia, justamente devido à falta de acordo sobre financiamento. O evento foi suspenso sem data de retomada. “São necessários trilhões ou mais de dólares

anualmente para resolver a escala do problema. E quanto menos investimos, mais caro será a cada cinco anos, porque a mudança climática torna isso impossível”, acrescentou.

Em 2025, os países que assinam o Acordo de Paris deverão apresentar novas metas internas de redução das emissões, os chamados compromissos determinados nacionalmente (NDCs). Esses documentos serão discutidos na próxima COP, em Belém (PA), no fim do ano. As nações em desenvolvimento alegam que, para construir planos ambiciosos de redução de GEE, precisam de dinheiro.

O bloco dos ricos concorda. Mas diz não ter tantos

recursos quanto calcula a ONU. Também alega que China e Índia deveriam contribuir com o fundo, porque, embora tenham se industrializado tardiamente, hoje são o primeiro e o terceiro maior emissor (em segundo lugar vêm os Estados Unidos e, em quarto, a União Europeia). Também querem ver a Arábia Saudita fora da lista dos países em desenvolvimento.

Texto

“Agora é que começa a parte mais difícil”, disse ontem, em Baku, o coordenador azerbaijano das negociações, Yalchin Ráfiyev, que apelou às partes para

acelerarem o ritmo das negociações. Ontem, era esperado um novo texto sobre o financiamento, mas os negociadores admitiram que o rascunho não sairia antes de quinta-feira.

“Ouvimos propostas diferentes em relação aos números da ajuda pública dos países ricos”, comentou o ministro australiano do Clima, Chris Bowen, em uma sessão plenária. “De 900 bilhões, 600 bilhões e 440 bilhões de dólares, acrescentou. Os dois últimos são pedidos antigos da Índia e do Grupo Árabe, segundo uma observadora ouvida pela France-Presse. “Ouvimos nos corredores cifras de 200 bilhões. Isso é inimaginável, não podemos aceitá-lo”, denunciou



Faltando horas para o final das negociações, a ausência de planos dos países desenvolvidos aumenta a incerteza.”

Adonia Ayebare,
negociador ugandês e presidente do G77+China.

o negociador-chefe da Bolívia, Diego Pacheco, que falou na sessão em nome dos países em desenvolvimento.

A falta de progresso na questão financeira, e também na questão da redução das emissões de gases de efeito estufa, alimenta a frustração nos corredores do estádio da capital do Azerbaijão. “Estamos fazendo o máximo possível para trabalhar nas questões de adaptação e mitigação, mas o orçamento para isso é simplesmente muito maior do que o que produzimos atualmente internamente”, lamentou o vice-ministro do Meio Ambiente da Guatemala, Edwin Castellanos.

“Comunicamos de forma transparente as necessidades, a quantidade exata necessária para enfrentar eficazmente os desafios climáticos. Tem havido silêncio por parte dos países desenvolvidos, o que complica o progresso à medida que o tempo se esgota”, lamentou Adonia Ayebare, negociador ugandês e presidente do G77+China. “Faltando horas para o final das negociações, a ausência de planos dos países desenvolvidos aumenta a incerteza.”

Infância impactada

Em Nova York, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) divulgou seu relatório anual destacando que as crises climáticas estão entre as três “megatendências” que vão impactar a vida das crianças até 2050. Soma-se ao aquecimento global as alterações demográficas e as novas tecnologias.

“As crianças estão enfrentando uma miríade de crises, que vão

desde choques climáticos a perigos on-line, e essas deverão intensificar-se nos próximos anos”, afirmou, no lançamento do relatório, a diretora-executiva da Unicef, Catherine Russell. “As projeções deste relatório demonstram que as decisões que os líderes mundiais tomam hoje — ou deixam de tomar — definem o mundo que as crianças herdarão. Criar um futuro melhor em 2050 exige mais do que apenas imaginação, requer ação.”

Unicef/Divulgação



Catherine Russell, secretária-executiva do Unicef: “miríade de crises”

Calor extremo

O documento reforça que 2023 foi o ano mais quente já registrado, um recorde que deverá ser batido por 2024. Segundo o relatório, de 2050 a 2059, as crises climáticas e ambientais deverão tornar-se ainda mais generalizadas, com oito vezes mais crianças expostas a ondas de calor extremas, três vezes mais a cheias fluviais extremas e quase duas vezes mais suscetíveis

a incêndios florestais extremos, em comparação com a década de 2000.

O modo como os riscos ambientais afetam as crianças será determinado por idade, saúde e contexto socioeconômico, diz o Unicef. Uma criança com acesso a abrigos resistentes às alterações climáticas, infraestruturas de refrigeração, cuidados de saúde, educação e água potável tem maiores probabilidades de sobreviver aos choques climáticos, exemplifica o relatório. (PO)

VIDA SELVAGEM

Chimpanzés copiam comportamentos sociais

Os chimpanzés são mais propensos a brincar ou cuidar uns dos outros se observarem antes esses comportamentos sociais primeiro, segundo um estudo publicado ontem na revista *Plos One*, da Universidade de Durham, no Reino Unido. “Os chimpanzés ‘capturam’ o comportamento social uns dos outros; é provável que eles comecem a se arrumar e a brincar após verem outros se arrumando e brincando”, diz o artigo.

Seja bocejando ou vigiando predadores, muitos animais — incluindo primatas e corvos — se

envolvem em certos comportamentos contagiosos. Após verem outro membro de seu grupo realizando um desses gestos, eles também o executarão instintivamente.

Pensa-se que esse “contágio comportamental” ajuda os grupos de animais a reforçar os seus laços sociais e a manterem-se em sincronia. O comportamento e as emoções dos chimpanzés podem ser influenciados por aqueles que os rodeiam, mas não foi previamente estudado se eles também se deixam levar por atos amigáveis, como o aliciamento e as brincadeiras.

William Corbett/Divulgação



Diversão entre amigos, em santuário na Zâmbia

Brincadeira

Liderados por Georgia Sandars, os pesquisadores observaram o comportamento de 41 chimpanzés que viviam num santuário na Zâmbia. Eles descobriram que animais de todas as idades, classes e sexos apresentavam contágio de comportamento de higiene e brincadeira.

Os chimpanzés eram mais propensos a considerar o comportamento de aliciamento

contagioso quando o observavam em outro indivíduo com quem tinham um relacionamento próximo. Já as atividades lúdicas eram mais atraentes entre os jovens, e não parecem afetadas pela força do vínculo social.

O contágio de comportamentos amigáveis pode ajudar a fortalecer os laços sociais, dizem os autores. Brincar é uma parte importante do desenvolvimento social dos jovens chimpanzés, enquanto os adultos tendem a construir e reparar relações sociais cuidando uns dos outros. Isso explicaria as diferenças entre os dois grupos etários.